

Como iniciar um clube de literatura clássica

Por Larissa Câmara · Os Clássicos

Ler um clássico em companhia é diferente de ler sozinho. O que um texto desperta em nós encontra, na presença do outro, mais espaço para ressoar. Um clube de leitura bem conduzido transforma a leitura em experiência viva, partilhada e duradoura.

Este guia reúne o que aprendi orientando grupos no Laboratório de Leitura: como escolher a primeira obra, montar o grupo, conduzir os encontros e manter o clube vivo depois dos primeiros meses.

Antes de começar: o que é um clube de literatura clássica

Um clube de literatura clássica não é um curso, nem uma aula, nem um grupo de estudos acadêmicos. É um espaço de leitura partilhada em que um pequeno grupo de pessoas se reúne, com regularidade, para ler uma mesma obra e conversar sobre ela. O propósito não é acumular informação sobre o livro, mas atravessá-lo em conjunto — permitir que o texto trabalhe em cada leitor e que essa elaboração encontre lugar na conversa.

A escolha pelos clássicos importa. Obras que atravessaram o tempo continuam vivas porque tocam camadas profundas da experiência humana. Elas suportam a leitura lenta, a releitura, a discordância. E se abrem melhor em companhia do que na solidão — como argumento em [Quem tem medo dos Clássicos?](#).

1. Escolha a primeira obra com cuidado

A primeira leitura de um clube define seu tom. Escolha um livro que seja denso o suficiente para sustentar meses de conversa, mas acessível o bastante para não afastar quem está começando. Alguns critérios úteis:

- 1 Extensão razoável.** Entre 200 e 400 páginas costuma ser um bom ponto de partida. Livros muito longos exigem fôlego que um grupo iniciante ainda não tem.
- 2 Tradução confiável.** Verifique se há edição em português com tradução reconhecida. A qualidade do texto que chega aos leitores importa mais do que costumamos supor.
- 3 Ressonância contemporânea.** Prefira obras cujos conflitos ainda nos alcancem: amor, ciúme, ambição, culpa, desejo. Um clássico bom é aquele que continua nos lendo.

- 4 Espaço para desacordo.** Livros com personagens ambíguos e finais em aberto rendem mais conversa do que livros com moral clara.

Sugestões para começar: Dom Casmurro (Machado de Assis), A Metamorfose (Kafka), O Estrangeiro (Camus), Bartleby, o escrivão (Melville), Grande Sertão: Veredas (Guimarães Rosa, para grupos mais experientes). Várias dessas obras estão disponíveis na [biblioteca gratuita de clássicos](#) em domínio público.

2. Monte o grupo

O tamanho ideal fica entre 5 e 10 pessoas. Menos que isso, e a conversa perde variedade. Mais que isso, e nem todos conseguem falar. Convide pessoas que compartilhem o desejo de ler, não necessariamente a mesma bagagem — a diversidade de leituras enriquece o encontro, princípio que sustenta a proposta do [Laboratório de Leitura](#).

- Combine desde o início a frequência dos encontros (quinzenal costuma funcionar bem).
- Defina o formato: presencial, online ou híbrido. Cada um tem virtudes e limites.
- Estabeleça um combinado sobre compromisso: quem entra, entra para ler. Faltas ocasionais são naturais, mas o clube só sustenta se houver presença.

3. Estructure os encontros

Encontros sem estrutura costumam se dissolver em conversa social. Encontros excessivamente estruturados sufocam o que a leitura tem de mais vivo. O equilíbrio possível envolve algumas regras simples — e vale ler antes o [guia de como ler livros](#), que aprofunda o método de leitura lenta que uso nos encontros:

- 1 Divida a obra em blocos.** Combine antes o que cada encontro cobrirá. Cinquenta a cem páginas por encontro é uma média razoável.
- 2 Abra com uma impressão livre.** Cada participante compartilha, em poucos minutos, o que o texto suscitou desde o último encontro. Sem análise ainda, apenas ressonâncias.
- 3 Escolha 2 ou 3 passagens.** Recortes específicos do texto ancoram a conversa e evitam generalidades. Peça a cada um que traga uma passagem que o tocou.
- 4 Deixe o silêncio existir.** Nem tudo precisa ser preenchido com fala. Silêncios costumam ser o momento em que alguém encontra as palavras para o que ainda não sabia dizer.
- 5 Feche com uma pergunta em aberto.** Termine o encontro com uma questão que continue trabalhando nos leitores até o próximo. A boa leitura sempre deixa restos.

4. O papel do mediador

Todo clube de leitura precisa de alguém que sustente o espaço. Isso não significa dar aula. Significa cuidar do tempo, redistribuir a palavra, retomar quando a conversa se dispersa, evitar que o grupo se transforme em disputa por interpretações certas. Reuni orientações práticas para essa função no [guia do mediador de leitura](#).

Um mediador pode ser um dos leitores em regime de rodízio, ou uma pessoa dedicada — professor, psicanalista, alguém formado em literatura. O que importa é que exista uma função de cuidado do processo, distinta da função de participante.

“Somos seres em relação. Não nos constituímos sozinhos, nem atravessamos sozinhos tudo aquilo que nos marca. Muitas vezes, é na presença do outro que uma experiência ganha forma, nome e profundidade.”

5. Sustente o clube ao longo do tempo

O primeiro semestre de um clube é o mais fácil. Há novidade, entusiasmo, curiosidade. A partir do segundo, começa o trabalho de manter o grupo vivo — e é nesse momento que muitos clubes se dissolvem. Uma boa forma de oxigenar o grupo é ler juntos textos curtos: sugiro trazer ensaios do hub [Escritos](#) e edições da newsletter [8 Minutos](#) para conversas mais leves entre um clássico e outro.

- Renove a lista de leituras de tempos em tempos, sem impor um cânone rígido.
- Alterne obras longas com textos mais curtos (contos, novelas, ensaios) para dar respiro ao grupo.
- Revisite periodicamente o combinado inicial: horário, formato, frequência. O que serviu no começo pode precisar mudar.
- Aceite a rotatividade natural: alguns leitores saem, outros chegam. Isso não é fracasso, é vida.

6. O que não funciona

Vale nomear os erros mais comuns, porque quase todo clube passa por eles em algum momento — muitos deles nascem do medo de não estar à altura da obra, tema que trato em [Quem tem medo dos Clássicos?](#):

- Transformar o encontro em prova de leitura, com perguntas fechadas e respostas certas.
- Deixar uma única voz dominar a conversa, mesmo que seja a voz mais preparada.
- Escolher obras pelo prestígio, e não pelo desejo do grupo.
- Cobrar erudição prévia — o clube é o lugar onde a leitura acontece, não onde ela é exibida.

E se você não quiser começar do zero?

Montar um clube dá trabalho. Escolher obras, reunir pessoas, sustentar o processo, mediar as conversas. É um belo trabalho, mas é trabalho. Se você quer a experiência de ler os clássicos em companhia, com mediação profissional e uma estrutura já consolidada, o [Laboratório de Leitura](#) pode ser um caminho — e a [biblioteca gratuita de clássicos](#) reúne obras em domínio público para começar hoje.

O Laboratório é um método criado pelo professor Dante Gallian, que aplico há anos com grupos pequenos. Lemos clássicos em conjunto, com escuta, tempo e cuidado. Para que a leitura deixe de ser uma prova solitária e se torne experiência viva, partilhada e transformadora.

Se este guia te animou a começar, ótimo. Se preferir se juntar a um grupo já em curso, você pode [fazer sua pré-matrícula no Laboratório](#) que eu te acompanho nessa travessia.

Perguntas frequentes

Preciso ter lido muitos clássicos para começar um clube?

Não. O clube é o lugar onde a leitura acontece, não onde ela é exibida. Basta ter vontade de ler, compromisso com o grupo e curiosidade para atravessar o texto em companhia.

Qual o tamanho ideal do grupo?

Entre 5 e 10 pessoas. Menos que isso, a conversa perde variedade. Mais que isso, nem todos conseguem falar com regularidade.

Com que frequência o grupo deve se encontrar?

Quinzenal costuma funcionar bem: dá tempo de ler com calma e mantém o ritmo sem esgotar. Clubes semanais exigem mais disponibilidade; mensais correm o risco de perder fôlego.

O mediador precisa ser professor de literatura?

Não necessariamente. O mediador precisa sustentar o espaço: cuidar do tempo, redistribuir a palavra e evitar que uma única interpretação domine. Pode ser um leitor em rodízio ou alguém com experiência em condução de grupos.

E se as pessoas não gostarem da obra escolhida?

A insatisfação também é material de leitura. O que importa é transformar a reação em pergunta: o que não ressoou? Por quê? O desacordo, bem conduzido, enriquece o clube e ensina mais do que a concordância automática.